

# HARÉNS DO SÉCULO XXI



## HOLLYWOODICES – EPISÓDIO V



*Eu tenho visto tanta coisa nesse meu caminho, Nessa  
nossa trilha que eu não ando sozinho, Tenho visto tanta  
coisa tanta cena, Mais impactante do que qualquer filme  
de cinema.  
(Tás a ver?, Gabriel O Pensador)*

**HÁRENS DO SÉCULO XXI (Moldávia, 2008)** – Embora Quichinau seja a capital de um país europeu, um viajante menos informado e distraído poderia confundir-la facilmente com um qualquer subúrbio-dormitório sem alma nem vida de uma cidade secundária europeia. Durante o dia não se vê muitas pessoas nas ruas e, as que se encontram, são na sua maioria jovens apáticos

percorrendo o caminho de regresso a casa depois das aulas, Ou então velhos jogando xadrez em mesas de jardins públicos e velhas relembrando com nostalgia as memórias da longínqua e dourada idade juvenil... De resto, só eu, o Diogo, e os polícias de quem fugíamos constantemente.

Durante a noite, tal como na selva, os predadores de subúrbio saem à rua, aldrabões contadores de história, ladrões, mafiosos, grupos de gansters e skinheads, enfim, toda uma sórdida fauna urbana quase sempre hostil às duas aves raras ali pousadas quase por engano. É de facto pouco inteligente fazer o que eu e o meu amigo fazíamos à noite em Quichinau: andar na rua! Mas tínhamos a desculpa do desconhecimento da realidade local e portanto fizemo-lo durante os três dias que lá ficámos, Hoje digo “ainda bem”! No meio do caos nocturno descobrimos características fulcrais para compreender a realidade sócio-económica do povo moldavo, as quais ninguém jamais nos explicaria e tampouco vêm escritas nos livros e guias de viagem.

Numa dessas noites, à conversa com malta de rua num nebuloso romeno-ínglês apimentado com meia dúzia de palavras em russo, foi-nos explicado o motivo pelo qual ainda não tínhamos encontrado nada no centro da cidade que se assemelhasse com aquilo a que no resto da Europa costumamos denominar por “cafés”, “bares” e “discotecas”: porque não existem, simplesmente! Bom, existem certos estabelecimentos públicos, umas insalubres tascas onde – tal como nos westerns americanos – um estranho entra e toda a gente para de falar e de respirar, olhando em grupo para a porta de entrada com ar de poucos amigos. Do lado oposto da realidade económica, uns super-fashion bares com bolides estacionados à porta indicado o nível proibitivo dos preços praticados intramuros. Nada, nadinha para, digamos, a classe-média que, já agora, tampouco existe na Moldávia.

Por entre as conversas cruzadas naquela noite com os habitantes de rua, um acabou por, em troca de “umas moedinhas”, nos dizer o nome de um bar/discoteca fora da cidade e ajudar-nos a apanhar um táxi até lá. A acreditar no que nos disse na altura era o único estabelecimento do género acessível ao vulgo mortal. Aceitámos a troca e um quarto de hora depois estávamos à porta daquela realidade paralela plantada literalmente no meio do nada de uma planície moldava.

Dentro do estabelecimento, o primeiro impacto foi a tão grande quantidade de jovens na casa dos vinte contrastando escandalosamente com a meia dúzia de perfeitos protótipos de mafiosos de leste. Sem exagero, calças pretas, camisas brancas desabotoadas até meio, pelos do peito saindo aos tufos entrelaçados com fios de ouro, óculos de sol (!) e expressões faciais demonstrando arrogância novo-riquista, um certo atraso mental e muita bebedeira nas veias.

Atordoados pelo choque cultural, não demos logo pelo argumento completo do filme que ali se desenrolava e optámos por ficar. O Diogo foi ao balcão pedir algo para beber, eu fui tentar meter conversa com uma moldava ali perto da entrada. Inglês afirmava não perceber, romeno tampouco, e grosseiramente mando-me ir passear! Tudo bem. Fui ter com o Diogo ao balcão e pedi também uma bebida. Entretanto o Diogo discutia com o barman por este ter-lhe servido um uísque-cola com meia dúzia de gotas de uísque. Insistência atrás de insistência, lá acabou por convencer o rude barman a juntar mais umas gotas. Voltei a meter conversa com outra moldava, desta vez obtendo apenas silencioso. De regresso ao balcão apanho o resto da conversa sobre as gotas de uísque: o barman exigia que o meu amigo pagasse quatro euros extra pelo “último pedido” e ameaçava chamar a segurança. O Diogo tinha toda a razão ao afirmar que estava escandalosamente a ser extorquido, mas exigir justiça não era a melhor opção a tomar por um coelho (dois) na toca do lobo, aliás, nem sequer sabíamos ao certo onde estávamos, e portanto aconselhei-o a controlar-se e esquecer a história da bebida para não sairmos dali espancados.

Pela terceira vez deixei o Diogo e fui tentar falar com uma jovem moldava. Durante os breves momentos em que estivemos cara a cara, ela, timidamente simpática, tentou explicar-me que não podia falar comigo. Eu, ingénuo e dando bronca insistia em querer saber porquê. A pobre, receosa de dar muito nas vistas, apontou com um movimento sútil dos seus olhos para um dos “mafiosos” que dançava ao canto rodeado por doze mulheres e sussurrou: “por causa dele”. “Ah... ok!”, respondi eu, afastando-me o mais discretamente e regressando para junto do meu colega para lhe contar as novidades. Chegámos em simultâneo à mesma conclusão (óbvia): éramos dois intrusos mal vindos correndo perigo num bar onde os mafiosos da capital vinham passar o tempo com os seus haréns e exhibir grotescamente as suas riquezas materiais.

Acabámos as nossas bebidas a gole e fomo-nos embora. De regresso à cidade, e não imaginado mais nada de interessante para fazer, entrámos numa loja de bairro para comprar bebida e algo para roer. À saída encontrámos um grupo de três jovens simpáticos e bem educados, curiosos por falar connosco. Decidimos ficar, sentamo-nos junto a eles e começámos a conversar. Os jovens, em inglês, foram nos contando as suas amarguras e confessaram a frustração que sentiam de viver em tão socialmente desequilibrado país. Segundo eles, não tinham dinheiro e não podiam divertir-se de outra forma senão “beber vodka do mais barato às portas das lojas de bairro”. Perguntámos acerca das raparigas da idade deles, por que razão não tinham eles namoradas ou amigas. O mais lúcido retorquiou-nos explicando: “Porque umas não saíam de casa interditas pelo ultra-conservadorismo dos pais e as restantes, a maioria, são na prática propriedade dos mafiosos locais que concentram em si a riqueza que deveria ser de todos os moldavos.” Pois, nem

sequer tinha sido preciso dizer a segunda parte... já a tínhamos constatado ao vivo meia hora antes!

Luís Garcia, 22.12.2015, Lampang, Tailândia